

A CANÇÃO EM MUSICOTERAPIA: APONTAMENTOS SOBRE SEUS ASPECTOS E USOS

Luís Eduardo Candido²⁸
Frederico Gonçalves Pedrosa²⁹

INTRODUÇÃO

Mais do que outras expressões musicais, a canção faz parte do cotidiano da maioria da população brasileira, tanto por cantarem quanto por ouvirem. Canta-se porque está feliz ou para se alegrar, canta-se para esquecer um fato ou para lembrá-lo. Pelos mesmos motivos elencados anteriormente, com bastante frequência, as canções são ouvidas. Existem vários tipos de canções, que, costumeiramente, são agrupadas em gêneros, como por exemplo, Rock, Pop ou Funk, ou pelo público alvo, como as canções infantis, as religiosas ou as *gospel*. Existem ainda canções que não alcançam o grande público mas que cumprem funções sociais importantes como as canções de trabalho e as canções de culturas locais. No que concerne à literatura musicoterápica, depara-se atualmente com diversos textos envolvendo esta expressão, porém com pouco foco sobre os aspectos inerentes às canções. Outra dificuldade encontrada na construção desta pesquisa reside na ausência de materiais que se dediquem a historicizar a canção. Assim, recorreu-se, também, a outras áreas de conhecimento, como história da música, linguística e psicologia da música para levar-se a cabo o intento de compreender os aspectos e usos da canção em musicoterapia.

Com este fim, fez-se uma revisão da literatura existente envolvendo a Musicoterapia aliada à canção e os elementos que a compõem, a partir da história da canção, semiótica da canção, processo de aquisição da canção (contribuições

²⁸ Musicoterapeuta, psicólogo, especializando em Psicodrama. ducandido@hotmail.com

²⁹ Graduado em Musicoterapia (FAP), Mestre em Música (UFPR). frederico.musicoterapia@gmail.com

da psicologia cognitiva) e aspectos do uso da canção na Musicoterapia brasileira. Partindo do estudo das possibilidades de entendimento da canção na Musicoterapia através destas áreas de conhecimento acredita-se contribuir com outros pesquisadores que visam compreender a Musicoterapia através do trabalho com canções.

Faz-se mister apontar que, para execução deste trabalho utilizamos a cultura de base judaico cristã recorrente no Brasil para balizar os conceitos, informações e ideias musicais apresentadas – realizando assim um recorte sobre a cultura musical á qual observamos.

HISTÓRIA DA CANÇÃO

Enquanto forma musical a canção foi se definindo paulatinamente ao longo do tempo. Inicialmente foi inserida no contexto artístico como uma nova roupagem para a poesia até fundir-se com ela formando um novo estilo musical (PEREIRA, 2005). Uma música instrumental, por exemplo, onde estejam presentes o ritmo, melodia, harmonia e arranjos não será considerada uma canção se a ela não for atribuída uma letra. Melodia e letra são, portanto, elementos essenciais para a construção do sentido do conteúdo musical presente em uma canção. A partir destas informações consideraremos, para efeito deste trabalho, que a canção possui presença obrigatória de letra (poema) e melodia (música), acompanhada ou não de instrumentos musicais.

SEMIÓTICA DA CANÇÃO

Segundo Rosy Greca (2011) a canção é composta por elementos compositivos e performáticos. Letra, música e arranjo fazem parte dos elementos compositivos enquanto os aspectos performáticos incluem as interpretações vocais e instrumentais (GRECA, 2011). No entanto, Tatit (1986) informa, que há um núcleo principal responsável pela identidade da canção perante os ouvintes que se

concentra na combinação melodia e letra (TATIT, 1986). A fim de identificar elementos das canções que possam ser úteis para os processos musicoterapêuticos, se priorizará, neste trabalho, o estudo do núcleo principal.

Um dos focos dos estudos de Tatit é a eficácia da canção, ou seja, o êxito da comunicação entre destinador (locutor/ alguém que se expressa com articulações vocais) e destinatário (ouvinte) (TATIT, 1986). O objeto comunicado é a própria canção que depende fundamentalmente da adequação e da compatibilidade entre o seu componente melódico e o seu componente linguístico (TATIT, 1986).

Em Tatit (1986) vemos que a semiótica, estudo dos signos, denomina de sobremodalização os processos de persuasão utilizados para aumentar a eficácia nesta comunicação, de forma que o destinador se sinta atraído. Estes processos estão sempre presentes nas canções, podendo ser verificados com maior ou menor facilidade. Na relação entre destinador (locutor) e destinatário (ouvinte) há, evidentemente um fazer do locutor e outro fazer do ouvinte. Ambos pressupõem suas respectivas modalidades. São três os processos de persuasão que acontecem paralelamente: *persuasão figurativa, persuasão passional e persuasão decantatória.*

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA CANÇÃO

Segundo Sloboda (2008), a habilidade de expressão humana se desenvolve a partir de aspectos musicais e é adquirida através da interação com um meio musical. Dá-se a este fenômeno o nome de enculturação que é o processo através do qual uma pessoa aprende as exigências da cultura na qual está inserida, e adquire valores e comportamentos que são tidos como apropriados e necessários naquela cultura.

De forma geral, as teorias do desenvolvimento musical são ramificações das teorias cognitivas de desenvolvimento humano, e juntas intentam explicar, além do desenvolvimento humano, o conseqüente processo de aquisição da canção. O desenvolvimento cognitivo musical pode ser verificado a partir de alguns critérios,

identificados por Hargreaves e Zimmerman (2006) e por Sloboda (2008). A apreensão de conceitos musicais durante o desenvolvimento cognitivo humano se desenvolve na seguinte ordem: volume, timbre, tempo, duração, altura e harmonia.

MUSICOTERAPIA E CANÇÃO

A manipulação estruturada dos elementos constitutivos da canção tende a ser um meio favorável na construção de uma abordagem terapêutica planejada pelo musicoterapeuta visando o bem estar do participante. Afim, de corroborar este fato, revisou-se algumas pesquisas brasileiras envolvendo Musicoterapia e canção.

Encontrou-se a criação de conceitos, técnicas e *approachs* a partir da prática clínica. Entre eles estão o conceito de “canção âncora” por Márcia Cirigliano (1998) e a técnica do músico-verbal por Milleco (2001) de base psicanalista e o *approach* Brandalise de Canções de André Brandalise (1998) que visa favorecer a interação aprofundada entre indivíduo e canção no processo terapêutico, promover maior autonomia dos indivíduos com déficit comunicacional e/ou desorganização interna e facilitar a construção de uma forma alternativa de comunicação são os objetivos principais do *approach* (BRANSALISE, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar e escrever sobre a Musicoterapia, aumenta o nível de compreensão e aproxima o leitor das teorias que sustentam a atuação do musicoterapeuta. Ao circular por diversas áreas de conhecimento e tendo a canção como elo entre elas pode-se perceber o quanto esta modalidade de trabalho pode ser útil ao musicoterapeuta. Nenhum ser humano escapa ao processo de aculturação e a canção é um dos meios pelos quais este processo acontece.

Na construção do texto pode-se perceber o quanto a canção se faz presente em todos os momentos históricos, permeando a vida cotidiana dos povos. Este fato é reiterado ao percebemos que o ser humano é cognitivamente preparado para

interagir com a canção. A semiótica, através dos processos de persuasão, nos possibilitou voltar o olhar para a relação melodia e letra presentes nas canções utilizadas no setting musicoterapêutico a partir da leitura dos elementos textuais e musicais da canção. Implementar, de forma consistente, um trabalho feito com canções é tarefa bastante complexa. Pensar a canção em termos científicos abre precedentes para que musicoterapeutas a insiram com maior frequência em sua prática profissional e abre espaço para que novas pesquisas com esta temática venham a ser desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

BRANDALISE, A. Approach “Brandalise” de Musicoterapia (Carta de Canções). In: **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano III, número 4. Rio de Janeiro: UBAM. pp. 41-55. 1998

CIRIGLIANO, M. Pesquisa na Clínica Musicoterápica: a Canção como Âncora Terapêutica. In: **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano III, número 4, pp. 33-40. Rio de Janeiro: UBAM, 1998.

GRECA, R. **A canção para crianças**: uma contribuição ao reencantamento da infância. Curitiba: Gramofone, 2011. 144 p.

HARGREAVES, David; ZIMMERMAN, Marilyn. Teorias do desenvolvimento da aprendizagem musical. In: ILARI, Beatriz. (org.). **Em busca da mente musical**: Ensaio sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. pp. 231-269.

.MILLECCO FILHO, L.A; BRANDÃO, M.R.E; MILLECCO, R. P. **É preciso cantar**: musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

PEREIRA, G.T.M. **O potencial terapêutico da canção em musicoterapia**. UFG: Goiânia, 2005.

SLOBODA, J. A. **A mente musical**: psicologia cognitiva da música. Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: EDUEL, 2008.

TATIT, L. **A canção: eficácia e encanto**. 2ª ed. São Paulo: Atual, 1986.

TATIT, Luiz. **Letra e música na canção popular**. S/D. Disponível em <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/851/luiz-tatit-letra-e-musica-na-cancao-popular.html>, Acesso em 29/06/2016.